

Turismo e folclore: O papel de valorização das **danças populares** pelos **grupos folclóricos** de Viana do Castelo¹

ANA LINHARES * [anicas81@hotmail.com]

CLÁUDIA HENRIQUES ** [chenri@ualg.pt]

MARIA CRISTINA MOREIRA *** [mcristina@eeg.uminho.pt]

Resumo | O presente artigo científico pretende refletir sobre a relação entre o turismo e o património intangível, nomeadamente a dança popular. Assenta num estudo de caso que visa determinar o papel dos grupos/ranchos folclóricos de Viana do Castelo na valorização deste tipo de património. Apresenta os resultados da análise de conteúdo de um conjunto de entrevistas dirigidas a 26 diretores/presidentes de grupos folclóricos e tem como principal conclusão o reconhecimento da importância da dança popular para o turismo cultural.

Palavras-chave | Turismo, Património intangível, Dança folclórica/popular, Viana do Castelo.

Abstract | This paper aims to reflect on tourism and its relationship with intangible heritage, namely folk dance. It is based on a case study that intends to determine the contribution of popular dance groups of Viana do Castelo (Portugal) to the touristic valorization of this type of cultural heritage. It presents a content analysis of a set of 26 interviews with directors/presidents of popular dance groups. Among the main conclusions there is the recognition of the importance of folk dance in cultural tourism.

Keywords | Tourism, Intangible heritage, Folk dance, Folk groups, Viana do Castelo.

¹ Este artigo foi parcialmente financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

* **Mestre em Economia Social** pela Universidade do Minho.

** **Doutora em Economia** pela Universidade do Algarve. **Professora Adjunta** da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, e **Membro integrado** do Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações, Universidade do Algarve (CIEO).

*** **Doutora em Economia** pela *Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales da Universidad Navarra*. **Professora Auxiliar** da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho.

1. Introdução

O presente artigo visa refletir sobre o turismo e sua relação com o património cultural intangível ou imaterial, nomeadamente ao nível da dança popular. Tem como objetivo principal aferir se este tipo de dança associada à região do Alto Minho (RAM) se constitui enquanto elemento valorizador do produto turístico cultural. De notar que, como assinala Homem de Mello (1962), a região referida possui grande riqueza em termos de danças populares destacando-se o Vira, o Fandango de Roda, o Fandango de Pares, a Peseta, o Espanhol, a Francesa, a Tirana, o Velho, a Serrinha, o Salto e a Chula, entre outras.

Paralelamente, circunscreve-se à determinação do papel dos grupos/ranchos folclóricos do concelho de Viana do Castelo, na valorização da identidade cultural regional, sob o pressuposto de que a dança popular, enquanto elemento do património cultural, pode constituir-se como um recurso turístico.

Assim, apresenta-se inicialmente uma reflexão sobre a relação entre três domínios investigacionais, nomeadamente o turismo, enquanto setor estratégico de desenvolvimento económico; o folclore, enquanto património intangível identitário de uma comunidade/população; e, o território, enquanto espaço de vivências, circunscrito ao concelho mencionado.

Após um enquadramento teórico referente à dança popular enquanto património intangível, realçando os elementos de identidade e autenticidade culturais e seus paradoxos, destaca-se também em que medida o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) (Turismo de Portugal, 2013) atribui importância aos recursos culturais da região.

Segue-se um estudo de caso assente na averiguação do papel dos grupos/ranchos folclóricos da RAM, na valorização deste tipo de património cultural (dança popular) e consequentemente do turismo cultural. Para tal reflete-se sobre a análise de conteúdo de um conjunto de entrevistas semi-diretivas aplicadas aos diretores/presidentes de vinte seis grupos existentes no concelho de Viana

do Castelo, onde se determina o contexto sócio-económico e político de surgimento do(s) grupo(s), etapa(s) de desenvolvimento em que se encontra(m), motivações dos seus elementos, principais atividades a que se dedica(m), recetividade face à sua atuação, locais de atuação, públicos turistas, características do público turista, entre outros aspetos.

2. Turismo e dança popular enquanto património cultural intangível

Segundo a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível (2003, citado por *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO, 2008), o património cultural imaterial, ou património vivo, é motor de diversidade cultural. Aquando da referência aos vários domínios em que o património se manifesta, é contemplado o associado às artes cénicas (*performing arts*), o qual inclui o teatro, a música e a dança tradicional ou popular.

De notar que a convenção mencionada sublinha a necessidade de se salvaguardar este património que, transmitido de geração em geração, é continuamente (re)criado pelas comunidades e grupos, em resposta ao seu meio ambiente e à sua interação com a natureza e a sua história, fornecendo às comunidades e grupos um sentimento de identidade, promovendo o respeito pela diversidade cultural e criatividade humana, compatibilizando-se com os instrumentos internacionais de direitos humanos e cumprindo os requisitos do desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2008, 2010, 2013). Neste contexto, fica implícita a importância do património intangível, e consequentemente do folclore, para o turismo.

O conceito folclore surge associado ao saber tradicional de um povo bem como à conjugação de três elementos, nomeadamente 'popular', 'nação' e 'tradição' (Carvalho & Carvalho, 1992, citado por Castelo-Branco & Freitas Branco, 2003). Ribas (1983) diz-nos que é o estudo dos usos e costumes, das

tradições espirituais e sociais, das expressões orais e artísticas que permanecem num povo evoluído, numa classe social ou num estrato social evoluídos; precisamente a herança cultural tradicional de um povo evoluído (o pressuposto é que só os povos e os estratos sociais evoluídos têm folclore; as sociedades e os povos primitivos não têm folclore).

Nesta linha, Soromenho (2003) reporta folclore às tradições, costumes e superstições das classes populares, bem como a toda a cultura nascida, principalmente, nessas classes, atribuindo-lhe o *status* de 'história não escrita de um povo'. Folclore é então indissociável da cultura popular constituindo-se como parte da dinâmica da sociedade, estando presente no dia-a-dia das populações (Henriques & Custódio, 2007).

O folclore possui um valor cognitivo, educativo, simbólico, semiológico, económico, artístico, nacional (Navrud & Ready, 2002; UNCTAD, 2010) que cabe preservar. Como referem Castelo-Branco e Freitas Branco (2003), o sentido de lugar mantém-se pela memória coletiva, a qual depende de rituais simbólicos e práticas comunitárias, numa demonstração de que o lugar identitário não se evapora completamente diante das forças globalizadas, mas sim se dissipa e passa a formar-se, através de incontáveis pequenos acontecimentos que ocorrem nas práticas quotidianas.

Na sua relação com o turismo, o folclore assume-se como elemento cultural de um povo e do seu passado e consequentemente como elemento de identidade cultural (Camargo, 2002). Será então desejável o estabelecimento de uma relação biunívoca em que, por um lado o turismo conduz à valorização das tradições, costumes ou raízes culturais regionais (eventualmente em processo de declínio/desaparecimento) ao estimular a procura pelos recursos culturais, e por outro lado, o folclore, valor cultural manifesto em múltiplos recursos se constitui como elemento captador de turismo.

Nesta relação, muitos autores chamam a atenção para a possibilidade do folclore perder a sua identidade cultural, uma vez que pode carecer de

autenticidade, no contexto de uma procura delimitada pelo 'mercado' turístico, associada a uma nova dinâmica societal, a novos usos, funções e valores (Gobbi, 2003).

Como assinalam Steiner e Reisinger (2006), vive-se num tempo de globalização, mas não se pode permitir que se perca a identidade cultural, o legado histórico, as vivências singulares, os rituais, as festas, as tradições. Hoje, e talvez mais do que nunca, é necessário o sentimento de pertença e identificação cultural, devido ao facto das sociedades industriais exigirem uma grande mobilidade geográfica que rompeu o enraizamento vigente. Na mesma linha, Augé (1994) sublinha que é importante não abdicar da identidade cultural e do privilégio de ter memória, principalmente porque se vive num tempo de modernidade e globalização crescentes, que tendem a tudo uniformizar. E há que não esquecer que a identidade pressupõe autenticidade (Guillame, 2003; Ivanovic, 2009).

Porém, muitos elementos do património cultural intangível, como sublinha Camargo (2002), estão em extinção devido aos efeitos da globalização, uniformização de políticas e falta de meios, apreciação e compreensão que, tomados em conjunto, podem conduzir à erosão das funções e dos valores de tais elementos e à falta de interesse entre as gerações mais jovens. O facto exige um repensar sobre os valores culturais e sua importância na sociedade (UNESCO, 2010).

No que respeita à dança, ela pode ser entendida como fazendo parte do folclore e este pode ser visto como fazendo parte da dança. A dança, quer se trate da folclórica, popular ou popularizada, de arte (dança clássica ou *ballet*) ou de espetáculo, requer a consideração dos seus elementos constitutivos, ou seja, os elementos que a formam: o simbolismo, a forma, o tema, a ideia, os acessórios, a coreografia, a música e a técnica. É sobretudo a diversidade destes elementos que torna complexa a classificação das danças folclóricas e populares (Ribas, 1983).

Quando se fala de dança associada à cultura de um povo de determinada região, pretende referir-se a conceitos como dança 'popular', 'tradicional',

‘folclórica’ e ‘étnica’ (Ribas, 1983). Neste artigo reporta-se à dança popular entendendo ‘popular’ como “aquilo que foi criado pelo povo e pertence ao povo” (Ribas, 1983, p. 16). Dança popular será então uma dança do povo e dançada pelo povo (Fernandes, 2000, p. 7) e dizem respeito a formas pertencentes e reconhecidas pelo povo, ou por este popularizadas e, que desta forma se foram perpetuando de geração em geração (Varregoso, 2004).

As danças tradicionais portuguesas são portanto atividades espontâneas e naturais que têm a ver com a expressão coletiva de emoções e ideias, sentimentos e significados específicos dos contextos de vida do povo de diversas regiões do país. Por esse facto, representam as práticas e experiências relacionadas com a história do povo, aspetos que foram sendo transmitidos de geração em geração (quase exclusivamente por via oral), de modo a resguardar as suas tradições e a divulgar os seus conhecimentos (Leal, 2000).

As danças tradicionais e populares estiveram desde sempre associadas a momentos de recreio, descanso e festejo das populações, fazendo parte do quotidiano, realizadas nos momentos de pausa do trabalho, no final de certas atividades laborais (como desfolhadas, etc.), nos períodos de festa, romarias e comemorações, ou pelo simples prazer de dançar, de se divertir e recrear. Estas sempre foram sinónimo de alegria e boa disposição, de divertimento e folgado, sendo assim, por natureza, verdadeiras práticas recreativas (Leal, 2000).

Neste contexto, reconhece-se a importância de inscrever, registar, preservar e valorizar as danças enquanto tradições, costumes, pedaços do quotidiano de uma região. O registo dessas vivências assume-se como memória coletiva, preservadora de traços endógenos muito característicos de uma identidade do nosso país (Bodo, 1995).

No que respeita à autenticidade vs. inautenticidade das danças há que considerar que uma vez que o folclore não é estático mas antes, mercê de fatores de várias ordens, evolui em cada instante, associado ao que Ribas (1983, p. 18) designa por “força cria-

tiva do povo”. Assim o autor avança: “é possível, é admissível, que surjam naturalmente (naturalmente e não compulsivamente) novas formas coreográficas populares e popularizadas servidas por acompanhamento musical produzido por novos instrumentos” (Ribas, 1983, p. 18). O facto conduz a uma evolução que não põe em causa a noção de autenticidade.

Também Mello (1971, citado por Vasconcelos, 2001) refere que o folclore dos ranchos é um produto *sui generis* que circula num mercado autónomo, um produto que não pode representar fielmente a prática costumeira das danças e dos cantares dos camponeses, nem sequer deve desejá-lo. O folclore é um exercício figurativo que não pode deixar de ser ‘estilizado’, porque a figuração não é função do folclore enquanto prática costumeira. Assim sendo, por contraponto, refere que Abel Viana e Sampayo Ribeiro aceitam a estilização como a condição da viabilidade comercial do folclore. No entanto, Vasconcelos (2001) acrescenta que esta última posição pragmática, não deixa de ser ideológica já que: i) assume que no mercado do folclore a oferta deve acomodar-se à procura e às capacidades dos produtores e; ii) o ‘colorido’, a ‘vivacidade’ e a ‘alegria’ são os atributos do folclore que os públicos dos espetáculos desejam ver, sendo, por isso, predados seletivos muito claramente acomodados à representação oficial e hegemónica da vida campesina.

Assim, à medida que se alicerça uma experiência turística não só na dita cultura tangível, mas também na intangível, a tónica coloca-se numa troca de conhecimentos e competências entre residentes, enquanto anfitriões, e turistas, no papel de convidados (European Commission, 2010). Nesta troca, o turista tende a tornar-se cocriador da sua experiência, participando ativamente na sua construção, num processo interativo e personalizado (Pralhad & Ramaswamy, 2003) em que as pessoas utilizam o seu tempo de lazer para adquirir ou desenvolver competências enquanto experienciam a cultura local (Khovanova-Rubicondo, 2010). Cada experiência, tal como assinalam Tung e Ritchie (2011, p. 1371), é vivida de modo subjetivo por cada indivíduo a

nível físico, emocional, espiritual e intelectual. Não esquecer que experiência turística, enquanto “atividade de lazer multifuncional, envolve as vertentes de entretenimento e aprendizagem” (Ryan, 1997, citado por Li, 2000, p. 865).

Porém a questão coloca-se: como ultrapassar o problema que advém de uma contradição? Uma experiência cultural precisa de tempo para se vivenciar e por outro lado, a viagem (na atualidade) tende a estar associada a deslocamentos rápidos e estadas de curta duração. Ora, o tempo reduzido pode de algum modo inibir uma verdadeira experiência cultural, criando-se apenas, poderíamos dizer, experiências de ‘ilusão cultural’ (Henriques, 2008). A resposta estará numa procura continuada a nível de planeamento e gestão sustentável assente no alicerçar de uma relação simbiótica entre turismo e cultura.

3. Metodologia

Para se aferir o papel dos grupos folclóricos no desenvolvimento do produto turístico cultural da RAM, aplicou-se um inquérito por entrevista aos diretores dos grupos em questão. A consideração dos diretores tem a ver com o papel que desempenham na dinamização dos seus grupos, procurando manter viva a tradição popular. Por esse motivo, são aqui perspetivados como os agentes que mais conhecimentos possuem do grupo e das suas particularidades. Por outro lado, há também que ter presente que os diretores destes grupos possuem a capacidade de decisão e desempenham funções técnicas de coordenação no seio dos mesmos.

A metodologia de recolha de informação privilegiada no presente estudo foi a de inquérito por entrevista (Quivy, 2008; Grawitz, 1993; Ghiglione & Matalon, 1993), nomeadamente entrevistas semi-diretivas (Lakatos & Marconi, 1996) dirigidas e aplicadas aos 26 diretores/presidentes dos grupos folclóricos existentes no concelho de Viana do Castelo. Os grupos folclóricos em questão distribuem-

se pelas vinte freguesias do concelho (Castelo do Neiva, Alvarães, Barrocelas, Vila Nova de Anha, Chafé, Cardielos, Areosa, Carreço, Afife, Serreleis, S. Lourenço da Montaria, Neiva, Geraz do Lima, Portuzelo, Meadela, Vila Franca, Torre, Lanheses, Outeiro e Perre).

O guião de entrevista constitui-se por 16 questões que refletem e incidem sobre vários aspetos relativos ao(s) grupo(s) folclórico(s), nomeadamente: surgimento, etapas de expansão e retração; motivações; aspetos relacionados com as atuações/performances; principais localidades de atuação; principais características do público-alvo; danças que fazem parte do repertório; atuações para turistas; características do público turista; entre outros aspetos.

A aposta na abordagem qualitativa associa-se à análise de conteúdo das entrevistas. Segundo Quivy (2008), os métodos de análise de conteúdo incluem a utilização de técnicas relativamente precisas, como o cálculo das frequências relativas ou das co-ocorrências dos termos utilizados, evitando que o investigador os conteúdos em função dos seus próprios valores. A análise de conteúdo categorial adotada, permite tratar de forma organizada informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade (Bardin, 2013).

4. A valorização turística da dança popular na Região do Alto Minho

4.1. Enquadramento

A região Norte integra as sub-regiões do Minho-Lima, Cávado, Ave, Grande Porto, Tâmega, entre Douro e Vouga, Douro e, por fim, a sub-região do Alto Trás-os-Montes (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, 2007). A sub-região do Minho-Lima é constituída por um conjunto de dez Municípios entre os quais Viana do Castelo.

A região Norte tem vindo a ganhar um peso crescente no setor do turismo em Portugal. Se em

2002 detém um peso de 9,5%, em 2010, o peso relativo é de 11,9% no total das dormidas em Portugal (Quadro 1). Quanto à sub-região Minho-Lima (NUT III), ela detém um peso de 7,6% no total Norte (para valores de 2010) (Quadro 1).

Também na revisão do PENT (Turismo de Portugal, 2013), para o período compreendido entre 2006 e 2011, está patente o registo de um aumento de 200.000 dormidas nacionais e 500.000 internacionais (aumento global de dormidas de 21% e dos proveitos globais dos empreendimentos turísticos de 23%), que compara com um aumento de 14% (4.900 camas) do lado da oferta) (Turismo Portugal, 2013).

Em termos de produtos para o Norte, no que respeita aos mais associados ao turismo cultural, destaca-se o *touring* cultural e paisagístico como 'consolidado', e os *city breaks* como 'em desenvolvimento' (Turismo de Portugal, 2013). Neste contexto, é perceptível a importância que a cultura possui para o turismo atendendo a que os dois produtos referidos privilegiam elementos patrimoniais tangíveis e intangíveis.

Aliás, como é referido no documento em questão, no período compreendido entre 2013 e 2015, nos circuitos turísticos, identifica-se a necessidade de colocar os recursos georreferenciados em valor e desenvolver conteúdos e informação para o cliente, bem como incentivar e diversificar as experiências, em particular as que se referem à ligação do Porto à região do Douro, e colocar o produto no mercado (Turismo de Portugal, 2013). Também no âmbito da gastronomia e vinhos, verifica-se a necessidade de desenvolver roteiros enogastronómicos, densificar atividades, desenvolver conteúdos e experiências, em particular os relacionados com os vinhos do Douro e Porto, e integrar a oferta em plataformas de

promoção e comercialização (Turismo de Portugal, 2013). Destacam-se estes produtos por se poderem relacionar com o folclore e a dança popular.

4.2. Resultados das entrevistas

Os diretores dos grupos/ranchos folclóricos entrevistados evidenciaram que o contexto socio-económico e político de surgimento do(s) grupo(s) está associado à existência de três grandes razões, nomeadamente a 'vontade de divulgação do património cultural' (48% das respostas), a 'ausência de dinâmicas sócio-culturais e de animação associadas às dificuldades de ocupação dos tempos livres' (39%) e por fim, à mudança de elementos/indivíduos integrantes dos próprios grupos (13%).

Quanto à etapa de desenvolvimento em que o(s) grupo(s) se encontra(m), ela tende a ser de 'estabilidade' (20%), embora a 'retração' também surja associada a problemas no interior do grupo, tais como desentendimentos, falecimento e saída de elementos.

Ao se analisarem as motivações dos elementos integrantes dos grupos, os entrevistados assinalam, na sua maioria, a ocupação dos tempos livres e convívio (44%).

No respeitante às atividades desenvolvidas pelos grupos denota-se que são diversas, muito embora o destaque vá para a divulgação do folclore e para as participações em festivais, eventos e espetáculos em contexto nacional, regional e local (15%).

Simultaneamente, as atividades desenvolvidas pelos grupos que captam maior receptividade por parte do público são 'festivais, festas e encontros de folclore' (37%) (Quadro 2).

Quadro 1 | Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, no Norte (NUT II)

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Portugal	34.208	33.875	34.141	35.521	37.567	39.737	39.228	36.457	37.391	39.440	39.681
Norte	3.262	3.146	3.331	3.439	3.844	4.229	4.251	4.270	4.438	4.547	4.542
Minho-Lima								275	339	264	338

Fonte: INE (2003 a 2014).

Quadro 2 | Atividades e sua recetividade

		Número de respostas (n)	Percentagem (%)
Atividades que captam mais recetividade por parte da população residente e não residente	Festivais/festas/encontros de folclore	15	37%
	Espectáculos/dança/música/cantares	14	35%
	Recolha etnográfica	2	5%
	Exposições	3	7%
	Teatro amador	1	3%
	Jogos tradicionais	1	3%
	Escolas/formação/ateliês de crianças	1	3%
	Intercâmbios com outras regiões nacionais e estrangeiras	2	4%
Atividades que captam mais recetividade por parte da população não residente	Etnografia	1	3%

Fonte: Elaboração própria.

Os países em que as atividades têm lugar são em primeiro lugar Portugal (de norte a sul), seguido pela Espanha (14%) e França (11%). Também são destacados outros países europeus, nomeadamente os recetores da emigração portuguesa.

Quanto às infra-estruturas que mais acolhem os espetáculos de dança popular verifica-se que são as públicas e associativas, nas quais se destacam praças, ruas, parques naturais, terrado, feiras e palcos ao ar livre (40%).

No relativo às principais características do público dos espetáculos de dança popular, a análise das respostas mostra que o público tende a ser participativo (73%).

Em termos de autenticidade da *performance* existe a explicitação de alguns condicionalismos, nomeadamente os relativos à sua duração e horários (32%) e não tanto aos potencialmente afetos às características do público. De facto, os entrevistados

consideram que um dos principais condicionalismos tem a ver com o grupo ser frequentemente convidados a atuar por parte de instituições, as quais sugerem, logo à partida, tempos e horários de atuação definidos, o que acaba por necessariamente alterar as características da *performance*.

Ao se indagar sobre quais as danças que mais integram o repertório dos grupos e quais as mais apreciadas, verifica-se que são o Vira (19%) e a Chula (12%). Quanto às razões pelas quais estas são as danças mais apreciadas, elas prendem-se maioritariamente ao facto de serem danças mais ritmadas, mais rápidas e mais alegres (12%).

No respeitante aos locais de atuação dos grupos onde o público é maioritariamente turista (33%), são assinalados os hotéis e outro tipo de estabelecimentos (33%). Os turistas enquanto público dos grupos e suas performances são vistos como um público divertido, participativo, encantado e recetivo (67%) (Quadro 3).

Quadro 3 | Locais de atuação dos grupos/ranchos em que o público é maioritariamente turista

		Número de respostas (n)	Percentagem (%)
Atuação com público maioritariamente turista	Hotéis e outros estabelecimentos	13	33%
	Pousadas de juventude	1	3%
	Câmaras	8	10%
	Parques de campismo	4	20%
	Restaurantes	6	15%
	Agências de viagens/Turismo	7	18%
Não atuação com público maioritariamente turista		1	3%

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4 | Características dos turistas enquanto público de dança folclórica minhota

		Número de respostas (n)	Percentagem (%)
Turistas enquanto público da dança folclórica minhota	Divertidos, participativos, encantados e recetivos	16	67%
	Dançam	5	21%
	Gostam, aplaudem	3	12%

Fonte: Elaboração própria.

No respeitante à existência de características distintivas dos turistas enquanto público, os entrevistados salientam a recetividade de participação na experiência cultural adotando um comportamento ativo (67% dos quais são mais colaboradores, interativos, abertos e participativos e 22% dançam) ou passivo (12% aplaudem) (Quadro 4).

Ao se procurar saber se o grupo tem sido solicitado para um maior número de espetáculos verifica-se que a maioria (63%) refere que o número de convites aumentou nos últimos anos. No entanto, cabe ressaltar a referência a vários condicionalismos de natureza económica (32%), nomeadamente, falta de financiamentos e de verba.

5. Conclusão

No presente artigo científico perspetiva-se a dança popular enquanto património cultural valorativo do produto turístico. A circunscrição a Viana do Castelo justifica-se se atendermos a que é tida como a 'Capital do Folclore Português'.

Quanto aos principais resultados obtidos neste estudo de caso, em que estiveram envolvidos 26 grupos/ranchos folclóricos de Viana do Castelo, eles evidenciam a determinação dos referidos grupos em divulgar o património cultural da região em Portugal e no estrangeiro.

Embora o percurso dos grupos/ranchos em questão tenda a evidenciar disparidades, a maioria encontra-se num estágio de estabilidade ou retração, que se enquadram num contexto de condicionantes fundamentalmente de natureza económica.

Quanto às atividades mais relevantes e também que mais captam públicos destacam-se as relacionadas com a participação em diversos festivais, festas, encontros folclóricos, eventos e espetáculos nacionais, regionais e locais.

No que tange aos públicos e nomeadamente o maioritariamente constituído por turistas, as atuações tendem a efetivar-se em hotéis. O facto condiciona muitas vezes os espetáculos e consequentemente a atuação tende a ser feita em horários e duração compatíveis com o programa de animação da empresa, e em última instancia a autenticidade da dança. Paralelamente, a faixa etária do público-alvo, sua profissão, grau de instrução, contexto em que se dá a *performance*, entre outros aspetos, são reconhecidos pelos intervenientes como condicionantes a contemplar.

Apesar das condicionantes referidas, os grupos identificam o Vira e a Chula como as danças mais apreciadas pelo público (turista e não turista). Salientam que isso acontece porque são danças alegres e que convidam à participação e envolvimento de todos.

Quanto ao futuro, realçam o número acrescido de propostas de atuação nos últimos tempos e a dinâmica que têm tido no sentido de ultrapassar os diversos constrangimentos.

Em suma, os resultados obtidos atestam a relevância do papel dos ranchos/grupos folclóricos na valorização do património intangível, nomeadamente através do fomento de um conjunto de atividades relacionadas com as tradições e cultura popular (música, cantares, ...), e em concreto as danças, dinamizadas em espaços tendencialmente associados aos turistas (hotéis, restaurantes, entre outros). O

facto possibilita uma aproximação de novos públicos (turistas) à dança enquanto valor identitário e fator de competitividade de base territorial. Há que ter presente que a identidade do território é o que distingue uma vez que os turistas tendem a ser atraídos não pelas similaridades mas pelas diferenças.

Referências bibliográficas

- Augé, M. (1994). *Não lugares: Introdução a uma Antropologia da sobre modernidade*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bardin, L. (2013). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bodo, C. (1995). Nuevas políticas para un turismo cultural sostenible. *Actas das Jornadas Europeias da Cultura, Lazer e Turismo*, Guadalupe, Cáceres.
- Bogdan, R., & Bilken, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Camargo, H. (2002). *Património histórico e cultural*. São Paulo: Aleph.
- Castelo-Branco, S., & Branco, J. F. (2003). Folclorização em Portugal: Uma perspectiva. In S. Castelo Branco, & J. Freitas Branco (Eds.), *Voices do povo: A folclorização em Portugal* (pp. 1-24). Oeiras: Celta Editora.
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte [CCDR-N] (2007). *Programa operacional*. Acedido a 23 de janeiro de 2014, em <http://www.ccdr-n.pt/>
- European Commission (2010). *Green Paper: Unlocking the potential of cultural and creative industries*. Brussels: European Commission.
- Fernandes, M. (2000). *Dança tradicional portuguesa – Classificação das variáveis coreográficas: Espaço, ritmo e gestos técnicos*. Tese de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gobbi, J. (2003). Turismo y autenticidad: Hacia una propuesta relacional para el estudio de la interacción entre nativos y turistas en las comunidades locales. In *III Encuentro de Turismo Cultural – NayA*, Buenos Aires.
- Grawitz, M. (1993). *Méthodes des sciences sociales*. Paris: Dalloz.
- Guillame, M. (2003). *A política do património*. Porto: Campo das Letras.
- Henriques, C. (2008). Património cultural e turismo: Uma relação simbiótica – Análise de dois percursos turístico-culturais: James Joyce e Fernando Pessoa. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 10, 25-39.
- Henriques, C., & Custódio, M. (2007, 22-23 novembro). Turismo e dança folclórica: Que futuro. Artigo apresentado no *Congresso Internacional de Turismo: Leiria e Oeste*, Escola Superior de Tecnologia do Mar do Instituto Politécnico de Leiria, Peniche.
- Homem de Melo, P. (1962). *Danças portuguesas*. Porto: Lello Editores.
- Instituto Nacional de Estatística [INE]. (2003-2011, 2013, 2014). *Estatísticas do Turismo 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2012*. Acedido em 12 de janeiro de 2014, em <http://www.ine.pt>.
- Ivanovic, M. (2009). *Cultural tourism*. Cape Town: Juta & Company.
- Khovanova-Rubicondo, K. (Ed.). (2010). *Impact of European cultural routes on SMEs' innovation and competitiveness*. Acedido em 12 de janeiro de 2014, em http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/StudyCR_en.pdf
- Lakatos, E., & Marconi, M. (1996). *Técnicas de pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Leal, J. (2000). *Etnografias portuguesas. Cultura popular e identidade nacional, 1870-1970*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Li, Y. (2000). Geographical consciousness and tourism experience. *Annals of Tourism Research*, 27(4), 865.
- Navrud, R., & Ready, R. C. (Eds.). (2002). *Valuing cultural heritage: Applying environmental valuation techniques to historic buildings, monuments and artifacts*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Prahalad, C. K., & Ramaswamy, V. (2003). The new frontier of experience innovation. *Sloan Management Review*, 2, 12-18.
- Quivy, R. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribas, T. (1983). *Danças populares portuguesas* (Vol. 69). Lisboa: Biblioteca Breve.
- Soromenho, M. (2003). A Federação do Folclore Português: A reconstituição do folclore em democracia. In S. Castelo Branco & J. Freitas Branco (Eds.), *Voices do povo: A folclorização em Portugal* (pp. 245-263). Oeiras: Celta Editora.
- Steiner, C., & Reisinger, Y. (2006). Understanding existential authenticity. *Annals of Tourism Research*, 33(2), 299-318.
- Tung, V. W. S., & J. R. Ritchie (2011). Exploring the essence of memorable tourism experiences. *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1367-1386.
- Turismo de Portugal (2013). *Plano Estratégico Nacional de Turismo – PENT. Horizonte 2013-2015*. Lisboa: Turismo de Portugal.
- United Nations Conference on Trade and Development [UNCTAD] (2010). *Creative economy report*. Acedido a 4 de janeiro de 2014, disponível em http://www.unctad.org/es/Docs/ditctab20103_en.pdf
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO] (2010). *The power of culture for development*. Acedido a 2 de dezembro de 2013, em <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brussels/pdf/the%20power%20of%20culture%20for%20development.pdf>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO] (2013). *Culture for development indicators*. Acedido a 2 de dezembro de 2013, em <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/cultural-diversity/diversity-of-cultural-expressions/programmes/culture-for-development-indicators/key-dates/>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO] (2008). *What is intangible cultural heritage?*. Site acedido a 15 de Novembro de 2013, disponível em <http://www.unesco.org>
- Varregoso, I. (2004, 28 a 30 de Outubro). Os idosos portugueses e a dança tradicional. In *Actas do II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*, Paredes de Coura.
- Vasconcelos, J. (2001). Estéticas e políticas do folclore. *Análise Social*, 36, 399-433.